

*Karine Lopes Narahara
(UFRJ; IBAMA)*

1. INTRODUÇÃO

O presente artigo faz parte de uma pesquisa mais ampla¹ que enfocou os mecanismos relacionados aos circuitos de troca (intercâmbio mercantil) e de reciprocidade (dar-receber-retribuir dádivas) entre grupos domésticos do seringal Porongaba, no leste do Acre, no contexto das atividades agroextrativistas e de criação de animais domésticos. Partindo da perspectiva maussiana, o recorte desses circuitos possibilitou compreender importantes formas de sociabilidade da vida no seringal.

Meu primeiro contato com os moradores do Porongaba ocorreu no inverno (estação chuvosa, que na região concentra-se de outubro a abril) de 2008 como funcionária do Instituto Brasileiro de Meio Ambiente e de Recursos Naturais Renováveis – IBAMA do Acre, quando estive envolvida no processo de criação de uma Reserva Extrativista que englobaria este seringal². Em 2010, convivi com os grupos domésticos do seringal nas duas estações – verão (estação seca) e inverno, compondo o trabalho de campo que subsidiou a pesquisa. Apesar desta vivência ter se concentrado na área inserida dentro dos limites formais³ do seringal Porongaba, ela não se restringiu a esta delimitação legal, envolvendo outros seringais próximos – e indicando, como sugere Geertz (1967), que em uma mesma localidade podemos encontrar diversas formas de delimitações e agrupamentos sociais. Um seringal é muito mais que um seringal.

A escolha deste seringal ocorreu por um motivo: dentre os seringais no sudoeste amazônico que eu já havia conhecido, o Porongaba é o único em que a maior parte dos grupos domésticos reside no centro (áreas florestadas) e não na margem (beira do rio) do seringal⁴. Minhas vivências e a literatura apontam que esta é uma situação peculiar: com as sucessivas “crises” no mercado mundial da borracha havia uma tendência histórica de esvaziamento dos centros, com os moradores migrando para as margens e para as cidades.

Neste texto irei abordar aspectos relacionados ao quebrar castanha⁵ e ao criar gado no seringal Porongaba. Veremos as formas de organização do trabalho nessas atividades, as formas de troca e de reciprocidade entre os grupos domésticos tecidas a partir delas (além de outras formas de sociabilidade), e como ambas complementam-se nas colocações⁶.

2. O SERINGAL

O seringal Porongaba estende-se do rio Iaco até o rio Espalha, cruzando o Riozinho (ou Riozinho do Rola), que desemboca no rio Espalha. Vinte e oito grupos domésticos (de um total de trinta e oito) vivem em colocações no centro, em distâncias que variam de duas a dez horas de caminhada pelos varadouros⁷ desde a margem do rio Iaco.

O passado construído pelos moradores do seringal aponta para a perda da centralidade do cortar seringa no cotidiano das colocações, com a queda de preço da borracha, a saída de cena dos patrões de antigamente (que comandavam todo o seringal) e a desestruturação dos chamados seringais empresa⁸. Neste contexto, as colocações mais ao centro, localizadas entre o Riozinho e o rio Espalha, foram sendo abandonadas.

Entre o rio Iaco e o Riozinho também existem colocações onde não residem grupos domésticos. Para algumas destas, mesmo que não haja nenhum grupo doméstico residindo, existe um dono, que pode viver no seringal ou mesmo na cidade. O uso e posse das colocações baseiam-se em mecanismos de herança (mediada pelo parentesco) e/ou de compra e venda (pelos quais o que se vende são as benfeitorias⁹, o trabalho investido no lugar e não a terra em si). Neste sistema o trabalho investido na colocação também legitima a posse e o uso da mesma.

Em uma mesma colocação pode haver mais de um grupo doméstico residindo, ligados pelo parentesco. Algumas das relações entre esses grupos domésticos possuem nuances distintas daquelas entre grupos aparentados que não vivem na mesma colocação, assumindo a forma de uma “casa ampliada” (Almeida 1993).

O principal “centro de atração” (nos termos de Queiroz 1973) para os moradores do seringal Porongaba é a área urbana de Sena Madureira (AC), cujo acesso primordial é por via fluvial (no inverno). Mesmo sendo possível ir para a rua (áreas urbanas) por meio de uma rodagem (estrada não-asfaltada) durante o verão, o custo financeiro do transporte pelo rio Iaco é bem menor. E, por mais que a rodagem dê acesso à capital do estado, os moradores mantêm uma relação mais estreita com a cidade de Sena Madureira. O tempo do inverno é também tempo de quebrar castanha, época de maior disponibilidade de recursos financeiros. O fato dos moradores não “conhecerem ninguém” em Rio Branco também ajuda a compreender a maior ligação com Sena Madureira¹⁰.

O extrativismo de castanha é, assim, a principal atividade em termos de geração de recursos financeiros. O trabalho doméstico nas colocações concentra-se também na agricultura (notoriamente plantios de roça – mandioca, milho, arroz, banana e feijão), na extração de borracha e na criação de animais (gado, aves, porcos, animais de montaria e caprinos). A comercialização de borracha ainda é uma fonte de recursos financeiros para alguns grupos

domésticos. Quase toda a produção dos roçados é destinada ao consumo nas barracas (casas de moradia), podendo uma pequena parte ser comercializada. Por mais que não constitua uma fonte de recursos predominante (mesmo no caso de venda de cabeças de gado), a comercialização de animais de criação também ocorre.

A prestação de serviços envolve o trabalho de diária, o trabalho de empeleita e o trabalho de peão¹¹, constituindo formas de menor importância no aporte de recursos financeiros para os grupos domésticos.

Com os recursos financeiros, os moradores podem adquirir mercadorias. Estes produtos industrializados (como sal, óleo de cozinha, açúcar, café e sabão em barra) provenientes da rua são comprados principalmente na área urbana de Sena Madureira. Podem também ser adquiridos com intermediários (compradores de castanha e borracha) que circulam na área.

O processo de criação da Reserva Extrativista do Médio Iaco teve início em 2004, tendo como grande incentivador o padre Paolino Baldassari¹², responsável pela prelatia de Sena Madureira. A principal motivação da demanda dos moradores do seringal Porongaba pela criação da reserva foi a ameaça de extração comercial de madeira na área, que pertenceria legalmente a um empresário do ramo madeireiro. Por mais que o levantamento fundiário do processo de criação da reserva indique que há um proprietário das terras do Porongaba, segundo o padre Paolino o seringal seria de uma freira já falecida, que o teria doado para seus moradores.

Os moradores do Porongaba nunca tiveram contato direto com o suposto proprietário do seringal. Por volta de 2004 ouviram pela primeira vez falar que existiria um dono de todo o seringal, época em que um grupo de peões, vindos de fora do seringal, realizou um levantamento florístico para elaboração de um Plano de Manejo Florestal Sustentável¹³.

A preocupação com a possibilidade de um projeto de corte seletivo de madeira aponta o receio dos moradores do seringal de que a vida nas colocações fosse ameaçada.

Não sei não, eu imagino muito que os caras vivem aqui, que nem eu vivo aqui há onze anos **produzo criação, tenho minhas estradinhas, tiro um pouco de castanha** quando chega o tempo... Nisso que eu vou vivendo, não sabe? Fica difícil pra gente se acontecer uma coisa dessas [extração de madeira]. [...] Eu peço a Deus que esse negócio não aconteça. Que jeito é que esses **posseiros** vão viver, quem mora nessas colocaçãozinha aqui? [...] Como é que vai viver se chegar, invadir e tirar todas as madeiras? Deixar só os algodoeiros... **Só pau que não presta mesmo, só pau de capoeira** [clareira abandonada]... Como é que o cara vai viver cortando alguma seringa? Porque fica só a capoeira, vai ficar só a terra. Vai ficar uma coisa triste. [...] **Eu sempre peço a Deus de isso não acontecer aqui não**, desse pessoal invadir aqui, de entrar com esse projeto de mentira, de manejo aí, invadir a terra. (Manoel Preto, Seringal Porongaba, em 11/03/2010, grifo meu).

Os moradores do seringal têm uma forte ligação com o mundo católico e com o padre Paolino. Eles participam de cursos bíblicos organizados pela igreja, das desobrigas¹⁴, ouvem o programa da igreja no rádio e realizam festas ligadas ao calendário católico. E o mais importante: para alguns o padre é uma segurança frente às incertezas com relação às questões fundiárias e a possibilidade de extração de madeira.

O padre promete que enquanto ele for vivo, que a Porongaba é da igreja, é a floresta... Uma vez o padre Paolino falou nessa Porongaba que isso é dele porque isso aqui era de uma freira. [...] Eu sei que ele disse que no Porongaba não podia madeireiro entrar, que ela é da igreja. Porongaba é dele, ele fala que é dele. Por isso que eu digo, eu sempre rezo e imagino, enquanto o padre for vivo talvez tá difícil pros homens entrarem, pros madeireiros entrarem. (Manoel Preto, Seringal Porongaba, em 11/03/2010).

3. QUEBRAR CASTANHA

Os castanhais do seringal são organizados em piques de castanha (caminhos abertos nos castanhais em meio à floresta) que variam de forma, tamanho e número de madeiras (castanheiras). Uma colocação é delimitada pela distribuição espacial das estradas de seringa, de forma que os piques pertencentes a uma colocação são aqueles inseridos dentro do espaço considerado como parte desta colocação.

As atividades relacionadas ao extrativismo de castanha ocorrem no inverno. Na floresta o trabalho envolve duas etapas básicas: o juntar castanha e o quebrar castanha. O juntar castanha consiste em reunir os ouriços que caem das árvores em uma pilha embaixo da castanheira. Depois de reunidos os ouriços é o momento de quebrar com terçados (facão) para abri-los. A castanha é então armazenada no próprio castanhal, podendo ser levada posteriormente para um paiol (de paxiúba e palha) na clareira central da colocação.

Estes serviços raramente são feitos individualmente: deles participam homens, mulheres e jovens. Algumas mulheres envolvem-se tanto na tarefa de juntar quanto de quebrar, enquanto outras se dedicam apenas à tarefa de juntar. O trabalho quase sempre é comandado por um homem. Os jovens podem receber dos pais (ou tios) certa quantia de dinheiro como retribuição pelo trabalho realizado, utilizado em gastos pessoais.

Geralmente cada grupo doméstico dedica-se ao extrativismo de castanha nos piques da colocação onde vive. Mas também é possível que alguns utilizem piques de castanha de colocações onde não há residentes. Dessa forma, atualmente um mesmo grupo doméstico pode possuir (ser dono) demais de uma colocação.

Alguns moradores mencionam um descontentamento com esta situação, alegando que no passado quem deixava de residir na colocação perdia o direito sobre seu uso. Os que manifestavam esse descontentamento possuíam certa limitação no acesso aos piques, por compartilharem uma mesma colocação com outros grupos domésticos. A principal razão alegada para esta mudança no sistema de direitos sobre as colocações é a ambição relacionada à castanha. O aumento de demanda de castanha no mercado mundial gerou dois efeitos: a substituição da borracha pela castanha e um processo de alteração das regras de posse e direitos sobre as colocações.

É comum a quebra de meia entre grupos domésticos residentes no seringal. Nela a venda é de responsabilidade do dono da castanha, de maneira que é ele quem escolhe para quem ela será vendida, repassando metade do dinheiro para aqueles que trabalharam para ele. A quebra de meia também pode estabelecer relações entre os que moram no seringal e donos de colocações que vivem na rua. De forma mais rara, existem relações de trabalho de diária na extração de castanha. O trabalho de meia ou de diária na castanha envolve aqueles grupos domésticos que não possuem nenhum pique ou um número de piques insuficientes para atender suas demandas.

Todos os moradores sabem qual o território abarcado pela colocação na qual residem e/ou utilizam. Cada morador sabe quais são os piques e castanheiras que podem utilizar, de maneira que a proibição de coleta em piques fora de sua própria colocação é uma regra fundamental que se transgredida pode gerar conflitos. No entanto, este sistema não é perfeito, havendo casos em que um grupo doméstico levanta dúvidas em relação ao direito sobre uma ou mais castanheiras. A ambição pela castanha é, segundo os moradores, um dos fatores dessas contendas.

Quase toda a castanha extraída por um grupo doméstico é voltada à comercialização, com uma pequena parte sendo destinada ao consumo doméstico. É comum ainda pequenas quantidades de castanha serem levadas para parentes e afins na cidade.

3.1 OS PATRÕES EM TEMPOS DE CASTANHA

É o papel de fornecedor de mercadorias que torna alguém um patrão, assim como o escoamento de produtos provenientes da colocação.

Patrão é a pessoa que **avia a gente**, sabe? A gente faz o produto, aí leva para ele, aí ele vende aquela mercadoria. Às vezes a pessoa [chefe do grupo doméstico] não tem, mas ele **tem confiança** de vender. É assim o patrão. (Dna. Chica, Seringal Porongaba, 08/09/2010, grifo meu).

O patrão é aquele que avia os grupos domésticos: compra a produção de castanha e borracha, trocando-as por mercadorias ou dinheiro. Muitas vezes o grupo doméstico não tem o produto para vender e mesmo assim o patrão vende a mercadoria adiantada. É a existência de uma relação de confiança entre o patrão e o chefe do grupo doméstico que possibilita o adiantamento de mercadorias.

Uma relação que, numa primeira aproximação, parece ser marcada apenas pela troca (entre o produto extrativista e a mercadoria) apresenta aspectos da reciprocidade (a confiança de que o produto será entregue ao patrão possibilita a venda da mercadoria a prazo; e também a confiança de que o patrão terá mercadoria para fornecer). Esta venda a prazo pode envolver o adiantamento em dinheiro numa situação de precisão (especialmente nos casos de problemas de saúde que demandam tratamento na rua). Esta forma de reciprocidade, no caso de Salim (comprador de castanha que vive em Rio Branco), envolve marcadamente uma assimetria de poder político e econômico: além de possuir uma casa comercial na rua, Salim concorreu pelo menos duas vezes a um cargo legislativo.

Além de Salim outros dois patrões atuaram no seringal no inverno de 2010: Oscar e Denis. Oscar nasceu num seringal no rio Iaco, vindo para o Porongaba cortar seringa como agregado de um grupo doméstico no início dos anos 1970. Trabalha como comboieiro no local há onze anos, sendo um dos intermediários da Cooperativa dos Produtores Rurais do Vale do Rio Iaco – COOPERIACO, a Cooperativa.

Fundada em 1999 a partir da associação de grupos domésticos agroextrativistas, com o apoio fundamental do padre Paolino, a Cooperativa é uma das principais compradoras de castanha da região do rio Iaco. Como

membro da Cooperativa Central de Comercialização Extrativista do Acre – COOPERACRE está inserida nas cadeias produtivas de castanha, borracha e produtos agrícolas.

Fundada em 2001, a COOPERACRE é uma central de cooperativas agroextrativistas e uma das principais comercializadoras de castanha no Acre, exportando o produto beneficiado para outros estados brasileiros e para o mercado internacional. Além de receber apoio do governo estadual, participa do Programa de Aquisição de Alimentos – PAA da Companhia Nacional de Abastecimento – CONAB. O PAA envolve a Compra Antecipada – CPR Alimento, que contempla a castanha e permite a antecipação do pagamento pela produção para produtores camponeses. Os preços de compra da COOPERACRE (repassados a todas cooperativas afiliadas) seguem a Política de Garantia de Preços Mínimos – PGPM, iniciativa federal que desde 2009 inclui a borracha e a castanha.

O surgimento nos anos 1980 e a subsequente proliferação nos anos 1990 de cooperativas formadas por produtores agroextrativistas no Acre estão relacionados às mobilizações sociais que levaram à criação das primeiras reservas extrativistas¹⁵. Essas cooperativas criam para os grupos domésticos dos seringais um cenário diferenciado daquele em que atuavam os patrões de antigamente.

Desde a criação da Cooperativa Zé Lima ocupa a sua presidência. Nasceu e criou-se em um seringal do rio Macauã (tributário do rio Iaco). A Cooperativa surgiu como uma forma dos seringueiros venderem seus produtos por melhores preços, livrando-se assim dos marreteiros (comerciantes itinerantes).

Porque o marreteiro, ele visualiza o lucro dele. E o intermediário não, ele é pago, a Cooperativa paga pela porcentagem dele, que é o quanto ele merece pela produção. É diferente, o marreteiro se ele comprar uma lata de castanha, se ele puder comprar por dez reais para vender por vinte ele não dispensa. E nós somos diferente, nós vemos o nosso preço lá em Rio Branco, nós botamos os nossos custos aqui. Daqui nós chegamos até lá [em um seringal] e dizemos “olha, Fulano [intermediário], nós só podemos pagar castanha desse preço aqui, aí tu paga desse preço que nós te pagamos uma porcentagem”. Essa porcentagem nós tiramos do lucro, do pequeno lucro que a Cooperativa pode ter por aquilo. (Sr. Zé Lima, Sena Madureira, 26/08/2010).

Descontado os custos, define-se o preço a ser pago por lata de castanha aos produtores. Não se trata de obter lucro, como ressalta Sr. Zé Lima, mas de “não ter perda nos preços anteriores”, de garantir que a Cooperativa funcione sem prejuízos. De um certo tipo de lucro que a Cooperativa pode ter – distinto daquele lucro dos marreteiros, por ser um pequeno lucro – é retirada uma porcentagem paga aos intermediários da cooperativa que trabalham nos seringais, como Oscar.

Um aspecto interessante é como as categorias patrão e Cooperativa misturam-se. Pois mesmo sendo um representante da Cooperativa, alguns grupos domésticos que vendem castanha e borracha para Oscar eventualmente se referem a ele como patrão.

Eu trabalho aqui, eu vendo a mercadoria, aí o produtor vende a borracha para mim, vende a castanha. Então assim eles costumam chamar o patrão. Então, eu sou o patrão deles. O produtor chama o patrão, “eu tenho o meu patrão”, que é aquele que o produtor vende o produto para ele e compra a mercadoria dele. (Oscar, Seringal Porongaba, 13/09/2010).

Como indica Oscar, é a relação de aviamento (compra de produtos extrativistas, e venda de mercadorias) estabelecida com os grupos domésticos do seringal que o caracteriza como patrão. Os que vendiam seus produtos para Oscar não mencionavam que o comprador da castanha ou da borracha era a Cooperativa, por mais que todos soubessem que Oscar trabalhava para a Cooperativa e que os recursos financeiros e as mercadorias que dispunha eram fornecidos pela mesma.

Porém, não é só a compra de produtos por Oscar e a venda de mercadorias que justifica o uso da categoria patrão. Além do fato de Oscar possuir um comboio (conjunto de animais de carga) próprio, a possibilidade de vender a prazo as mercadorias e de adiantar dinheiro em espécie em uma situação de precisão são elementos chave desta relação.

AM – Muitos deles assim hoje em dia dizem: “o meu patrão, meu patrão, Fulano é meu patrão”. Eles dizem isso por quê? Porque é onde às vezes aqui ou acolá eles vão atrás de uma coisinha e aquela pessoa tem para arrumar para eles.

DZ – Você lembra lá do Oscar? Pois é, o Oscar tem coisa para vender. Aí eles ficam dizendo “o Oscar é meu patrão”... Tem um burrinho para carregar produto.

KN – E se tem uma precisão?

AM – É, se tem uma precisão aí ele tem um dinheirinho até para arrumar para uma pessoa assim. (Sr. Antônio Maciel e Dna. Zilma, Seringal Porongaba, 05/09/2010).

É importante frisar que o uso da categoria patrão com relação a Oscar estava relacionado a certos contextos discursivos nos quais o assunto em pauta remetia ao processo de comercialização de castanha ou borracha. O mesmo ocorria com os demais compradores de castanha que atuavam no seringal.

Também era comum Oscar referir-se ao presidente da Cooperativa, Sr. Zé Lima, como seu patrão. Outros moradores do seringal também consideravam Sr. Zé Lima patrão de Oscar. Afinal Sr. Zé Lima encaminhava a Oscar o dinheiro para o pagamento da produção de castanha e borracha e as mercadorias. Vemos que mesmo inseridos numa estrutura cooperativada Oscar e Sr. Zé Lima faziam parte de uma cadeia de patrões¹⁶.

Porém, os patrões do presente, além de distinguirem-se entre si, distinguem-se daqueles patrões de antigamente.

Na época que era o **patrão mesmo**, o freguês era sujeito. Se eu era patrão aqui, se eu tivesse dez fregueses aqui, toda a produção eles só podiam vender para mim, que não podiam vender para outro. Hoje não, hoje eles são libertos, vendem para quem eles querem. (Oscar, Seringal Porongaba, 13/09/2010, grifo meu).

Os patrões do tempo da seringa “mandavam em todo o seringal” com base na legitimidade do monopólio comercial: no passado os fregueses viviam em uma situação de sujeição ao patrão¹⁷. Hoje todos são libertos: não há um patrão que seja dono do seringal, havendo a liberdade de vender seus produtos e comprar mercadorias para quem ou de quem quiserem.

Denis era o terceiro patrão presente no seringal Porongaba no inverno de 2010. É filho do finado Raimundo Maciel (antigo comboieiro do Porongaba) e atualmente vive na cidade de Sena Madureira. Denis possuía um

batelão (barco de maior porte) que transportava passageiros, castanha e mercadorias entre a rua e os seringais, além de alguns animais de carga com os quais puxava castanha para a margem. Ele é intermediário de Mazinho, um comerciante da área urbana de Sena Madureira proprietário de uma fábrica de beneficiamento de castanha e ex-deputado estadual do Acre.

3.2 A VENDA: MEDINDO AS LATAS E TRANSPORTANDO A CASTANHA

A venda da castanha ocorre basicamente no inverno. O produto é pago em dinheiro e, caso alguma mercadoria ou algum dinheiro em espécie tenham sido adiantados pelo patrão, seu valor é descontado do montante vendido. É possível inclusive que um grupo doméstico separe parte da castanha produzida para pagar uma dívida com um determinado comprador e venda o restante da produção para outro.

Em geral, não ocorre negociação de preços entre o comprador e o produtor. O preço pago por lata de castanha costuma ser informado pelo comprador no momento em que se mede a castanha. A medição é realizada apenas quando toda a castanha a ser vendida foi quebrada.

A castanha é medida na colocação onde foi coletada tendo como unidade de medida a lata e sob a presença de um membro masculino do grupo doméstico ou casa ampliada. Imediatamente após a medição da castanha o comprador informa o valor a ser recebido pelo produtor e sempre que possível já realiza o pagamento em dinheiro. Neste momento também é possível que sejam adquiridas algumas mercadorias.

Depois de medida a castanha é armazenada em algum paiol ou armazém, de onde pode ser transportada em batelões para a rua. Das colocações até a margem a castanha é transportada pelo comboio do intermediário. O transporte de parte da castanha produzida no seringal também costuma ser feito pela rodagem no verão.

Como mencionado, a castanha é o principal produto em termos de geração de recursos financeiros. Dos trinta e dois grupos domésticos de que obtive informação, pelo menos vinte e três tinham no quebrar castanha uma das principais fontes de recursos monetários. Destes vinte e três, ao menos onze tinham a produção de castanha como praticamente a única forma de gerar recursos financeiros.

As narrativas dos moradores do seringal indicam que no tempo da seringa a castanha não tinha valor comercial, ou o seu valor de comercialização era muito inferior ao da borracha. Teria sido por volta da segunda metade dos anos 1980 que os grupos domésticos começaram a vender castanha. Mas foi apenas em 2004 que o preço da castanha começou a melhorar.

Em 2002, o preço pago por lata de castanha no seringal foi de R\$ 2,00 (dois reais). Já em 2004, o preço pago por lata foi de R\$ 13,00 (treze reais). No início dos anos 2000 foi fundada a COOPERACRE, e a Cooperativa começou a atuar no rio Iaco e no seringal Porongaba. Também foi nessa época que o PAA da CONAB foi criado e que a COOPERACRE acessou pela primeira vez seus recursos. Este contexto de uma estrutura de cooperativas, aliado a uma política estatal de fornecimento de recursos para a compra antecipada da produção, refletiu-se na melhoria do preço. Outros fatores, como o próprio aumento da demanda de mercado, também deviam estar em jogo.

A castanha não só ganhou um papel central na economia dos grupos domésticos do seringal como gerou uma disputa entre os intermediários pela sua produção. Nesta concorrência, que se estabelece desde a rua, o rádio desempenha um importante papel.

Diariamente, no tempo da castanha, o preço pago por lata é acompanhado pelos grupos domésticos através das mensagens veiculadas pelo rádio. Segundo um morador logo que ele chegou ao seringal, em meados dos anos 1980, os grupos domésticos não possuíam rádio e não sabiam a que preço a castanha era comercializada na cidade.

No inverno de 2010, mensagens veiculadas por uma rádio urbana de Sena Madureira divulgavam os preços pagos tanto por comerciantes locais quanto por intermediários que circulavam pelo rio. No seringal ouviam-se constantemente rumores sobre os preços que seriam pagos por Denis e por Oscar. Sr. Zé Lima enviava mensagens pela rádio para Oscar e outros intermediários da Cooperativa, orientando-os a acompanhar os preços pagos por outros compradores. Um sinal, como ressalta Sr. Zé Lima, de que o produto tem uma boa demanda de mercado.

No início de fevereiro de 2010 a lata entregue na rua chegou a valer R\$ 12,00 (doze reais) e R\$ 10,00 (dez reais) quando vendida no centro do seringal. No final de março do mesmo ano valia R\$ 15,00 (quinze reais) na cidade e R\$ 13,00 (treze reais) no centro, sendo estes valores os melhores preços pagos nesta safra.

Durante o inverno de 2010, Oscar e Denis circulavam pelos varadouros negociando a compra da castanha, enquanto Salim escoava basicamente a produção proveniente das colocações das quais era o dono. Havia nitidamente uma disputa pela produção de castanha entre Oscar e Denis, direcionada não só pelo preço a ser pago. Dois outros aspectos eram centrais: a presença física do comprador no centro e a posse de dinheiro para o pagamento imediato, no ato da compra.

Nestes dois últimos quesitos Oscar saiu-se melhor. Denis permanecia a maior parte do tempo conduzindo seu batelão nas viagens entre a rua e o seringal. E o mais importante: a partir de um determinado momento, Oscar passou a circular pelo seringal com dinheiro em mãos, graças aos recursos viabilizados pelo programa da CONAB. Ter dinheiro em espécie para o pagamento no momento de fechar negócio era fundamental. Os rumores eram de que Mazinho não havia conseguido dinheiro para adiantar aos seus intermediários, e quem vendesse a castanha para Denis teria que baixar com ele até Sena Madureira para receber o pagamento. O mais interessante é que Mazinho, e não a Cooperativa, foi quem ditou o preço da castanha, puxando para cima o preço pago pela Cooperativa.

Se os compradores de castanha possuem suas estratégias para conseguir uma maior quantidade do produto, os produtores por sua vez demonstram certa preocupação com o momento no qual a castanha será vendida. Como há uma variação do preço pago por lata ao longo da safra, o momento em que o produtor vende a sua produção é chave para a definição do preço obtido. Este momento está diretamente relacionado às etapas de extração na floresta, e alguns produtores chegam a vender sua castanha quando ela ainda não foi quebrada, estando apenas os ouriços agrupados. O monitoramento do preço pago pela lata de castanha através do rádio tem um papel crucial nesse processo.

4. “EU ACHAVA QUE EU NÃO TINHA NEM ESSE PODER”: A CRIAÇÃO DE GADO NO SERINGAL

Dentre os trinta e oito grupos domésticos do seringal Porongaba pelo menos vinte e oito possuem alguma cabeça de gado, com rebanhos que variam de uma a noventa e cinco cabeças (ICMBIO 2008). Os animais são criados em pastos em volta do terreiro onde se localiza a barraca. Para formação da pastagem é bastante comum a aquisição de sementes de capim de planta em casas comerciais na rua. Nos pastos é comum não haver nenhuma árvore, ou poucas árvores.

A formação do pasto ocorre muitas vezes a partir de um antigo roçado: derrubada uma capoeira grossa planta-se arroz e capim; ou depois de brocar (retirar a vegetação de) uma área de capoeira fina planta-se milho e capim; ou ainda, em uma área onde era mantido um roçado planta-se o capim depois de colhida a roça, e/ou milho e arroz. Enquanto o capim for manejado, a floresta não irá recompor-se.

Os animais são criados soltos, e em alguns casos o grupo doméstico possui um curral grande, feito de madeira, utilizado para vacinação. É comum também a construção de pequenos currais de madeira para prender durante a noite os filhotes em fase de amamentação, para ordenha de leite. O leite de gado representa, segundo os moradores, uma importante fonte alimentar. O gado também é utilizado como animal de carga para transportar produtos agroextrativistas e pessoas.

As cercas de madeira e arame são dispostas apenas em alguns locais do pasto para impedir que os animais adentrem roçados e fontes de água que abastecem a barraca, ou que transitem pelos caminhos. Essas são as únicas cercas presentes no seringal, já que não existe qualquer tipo de cerca dividindo colocações.

Quando o grupo doméstico não possui pasto em volta de sua própria barraca, o gado é criado no pasto de outra barraca dentro da mesma colocação. O dono dos animais é responsável apenas por entregar ao dono do pasto uma quantidade de sal (complementação alimentar). Não é preciso pagamento pelo uso da pastagem, já que a mesma é considerada como pertencente à casa ampliada. Também é possível ocorrer o aluguel de pasto (pagamento de uma taxa mensal pelo dono da cabeça de gado ou do animal de montaria) entre grupos domésticos que não formam uma casa ampliada.

Os moradores do seringal costumam fazer negócios com fazendeiros da região envolvendo a compra e venda de cabeças de gado e também a criação de vacas de meia¹⁸. Entre os grupos domésticos do seringal também ocorrem relações de compra e venda de cabeças de gado e a troca de animais. Podem ser trocados bezerras, evitando assim cruzamentos endogâmicos (de uma vaca com sua própria cria); ou mesmo a troca entre indivíduos de sexos distintos: uma fêmea por um macho, para fazer touro (macho reprodutor).

Transmitido através das gerações, o gado constitui uma importante forma de patrimônio no seringal.

A Paula era mais velha, ela saiu de casa, ela casou, juntou-se com um cara, aí eu fui e dei a **semente** pra ela, eu dei pra ela fazer a vida dela. Eu dei uma vaca com uma bezerra, ela levou. Pra lá não se deu, aí quando ela trouxe já trouxe parece que bem duas vacas e dois novilhos. Cinco cabeças. Se o casamento dela tivesse dado certo, ah,

ela ia embora, não é? **Por que eu quando me casei eu não tinha nada.** (Pelado, Seringal Porongaba, em 05/03/2010, grifo meu).

A cabeça de gado que Pelado deu para a sua filha é uma semente, é o início da criação da própria filha, constituindo assim um importante elemento de herança, mediado quase sempre pelo idioma do parentesco. É muito comum que os pais que criam gado deem alguma(s) cabeça(s) para seus filhos, tanto homens quanto mulheres. Isso pode ocorrer quando os filhos já possuem ou estão começando a formar seu próprio grupo doméstico, ou mesmo quando ainda são muito jovens. Dois irmãos que vivem no seringal, com respectivamente sete e oito anos, já possuíam ao menos uma cabeça de gado cada um, dada pelos seus pais.

A primeira cabeça de gado também pode ser adquirida com recursos oriundos da extração de borracha (especialmente no passado) ou de castanha (em tempos mais recentes). O saldo obtido com a venda desses produtos é investido no início da criação. A destinação do saldo da produção extrativista para formação do rebanho de gado demonstra a importância deste tipo de criação na formação de um patrimônio. O investimento dos recursos obtidos com a borracha e a castanha é convertido em um patrimônio bovino que pode ser utilizado para realizar uma melhoria na colocação (como a aquisição de um motor para a casa de farinha), operando como um mecanismo de “investimento em patrimônios duráveis, materiais ou não, considerados vitais para a reprodução do grupo no tempo” (Pantoja *et al.* 2009: 121).

Quando é preciso ir para a rua para algum atendimento ou tratamento médico, o custeio de toda ou parte da viagem muitas vezes conta com o dinheiro adquirido com a venda de alguma cabeça. Quando há uma precisão como esta o gado é, quando possível, o patrimônio acessado. Se o grupo doméstico não possui este tipo de patrimônio, o comum é que peça algum adiantamento em dinheiro para um patrão.

No tempo da seringa, a situação de precisão era resolvida de outra forma.

É tanto que adoecia de primeiro menino seringueiro não ia pra cidade, adoecia saía para a margem, aqui o patrão que tratava mesmo. Aplicava o medicamento e tudo. Só ia pra cidade quando era o último recurso mesmo. (Sr. Antônio Maciel, Seringal Porongaba, 09/03/2010).

Se hoje o gado é o bem acionado no momento de precisão, no passado era o patrão. Na própria sede do seringal estavam disponíveis medicamentos para atender a algum morador doente. Como ressaltou Sr. Antônio, a viagem para a cidade ocorria apenas como última opção. Hoje não há posto de saúde no seringal, havendo duas agentes de saúde que atendem aos moradores. Como este atendimento é voltado à prevenção, as agentes não podem, legalmente, portar nem distribuir medicamentos.

A posse do gado também pode operar como uma forma de autonomia feminina. As mulheres no seringal, em geral, parecem ocupar uma posição de submissão no interior dos grupos domésticos, já que a chefia na maioria dos casos está a cargo do marido. Entretanto, não se trata de um domínio masculino absoluto. Há diversas situações que demonstram nuances nas relações entre homens e mulheres no interior dos grupos domésticos¹⁹.

No caso de pelo menos dois grupos domésticos que possuíam algumas cabeças de gado, os animais pertencentes à esposa eram mantidos em separado. Esta posse representava a possibilidade da mulher vender suas cabeças de forma autônoma, podendo viabilizar, por exemplo, sua ida para a rua independente dos recursos financeiros disponibilizados pelo marido.

O criar gado também se interpõe entre os moradores e os santos: para São Sebastião e para São Francisco das Chagas são feitas promessas para que os rebanhos prosperem. Essas promessas são pagas com a realização de festejos de responsabilidade dos promesseiros, sempre com o sacrifício de uma cabeça de gado oferecida aos participantes em um almoço ou jantar. Estes festejos operam não apenas como uma forma de reciprocidade com os santos, mas também como um tipo de reciprocidade partilhada com os demais grupos domésticos do seringal – uma partilha-banquete que, como no “potlatch”, opera como um diferenciador de status.

4.1 DA QUEDA DA SERINGA AO GADO COMO SINAL DE STATUS

O que desanimou os seringueiros foi o preço da borracha. Viram que não dava mais nada, aí inventaram o negócio do gado, não é? [...] Aí o bezerro, bezerro agora dá dinheiro. Aí o cara foi deixando, brocando os matinho, plantando um capinzinho, comprando uma vaca, e a borracha até hoje ela está num bom dinheiro, mas não pro seringueiro. (Antônio Maciel, Seringal Porongaba, 09/03/2010).

Por mais que haja uma relação entre a desestruturação na economia global da borracha e a ampliação do criar gado no seringal, como indica Sr. Antônio, o aumento da presença do gado não pode ser resumido à perda de importância da borracha para as economias domésticas (Pantoja *et al.* 2009). Vários outros elementos estão, como vimos, associados ao criar gado.

A capitalização por parte dos grupos domésticos nos seringais foi materializada sob a forma de um patrimônio em cabeças de gado, com boa liquidez e passível de ser transmitido entre gerações. Tal capitalização, suponho, foi possível graças à autonomia econômica e política com o fim da sujeição vivida no tempo da seringa. Porém, a maior disponibilidade de recursos monetários nas mãos dos grupos domésticos pode refletir também a maior presença de políticas estatais na região (Pantoja *et al.* 2009). Dentre estas políticas, refiro-me não apenas ao acesso a aposentadorias e benefícios como o Bolsa Família, mas também aquelas relacionadas à melhoria do preço da castanha, discutidas anteriormente.

Com o aumento do capital financeiro dos grupos domésticos era necessária alguma forma de investimento, e o gado apresentou-se como a única alternativa disponível dentro da matriz econômica nos seringais (Pantoja *et al.* 2009). Esta perspectiva nos leva ao polêmico debate sobre a presença de gado em seringais que hoje fazem parte de reservas extrativistas florestais. Como parte do Sistema Nacional de Unidades de Conservação – SNUC, as reservas extrativistas devem cumprir seu papel de “conservação ambiental”, e a pecuária estaria na contramão do papel “ecológico” desta categoria de unidade de conservação. Adicionalmente, o surgimento deste modelo

de área protegida está estritamente relacionado à oposição que o movimento seringueiro, em uma aliança com o movimento ambientalista, fez à expansão da pecuária como agronegócio no leste acreano. A década de 1970 foi marcada por uma mudança substancial nas políticas estatais voltadas a Amazônia, com a suspensão dos subsídios à extração de borracha e o estabelecimento de incentivos à produção agropecuária (Allegretti 2002). No leste do Acre, a subsequente expansão da pecuária gerou uma série de conflitos entre seringueiros e fazendeiros, levando ao aumento do desmatamento, à expulsão de seringueiros e à resistência coletiva às derrubadas por meio de “empates”. Foi neste cenário que o movimento seringueiro propôs a criação das primeiras reservas extrativistas.

Para além da discussão sobre a conformidade ou não da presença de gado em reservas extrativistas, o fato é que o gado representa hoje praticamente a única forma de transformação de capital financeiro em patrimônio disponível para os grupos domésticos nos seringais acreanos.

E, por tratar-se de um tipo de investimento, o gado acaba operando como sinal de prosperidade do grupo doméstico. Pelado, ao mencionar a vaca dada como uma dádiva-herança, opõe a situação da filha à sua própria situação, pois quando se casou “não tinha nada”. Se o gado opera como sinal de prosperidade dos grupos domésticos o criar gado transforma-se em um sinal de status no seringal. O relato de Pelado aponta claramente para esta distinção gerada pelo criar gado – uma diferenciação de status que está legitimada pela vontade divina, já que à ventura dos rebanhos associa-se a devoção católica.

K – Por que essa vontade de criar gado?

P – Ah, **eu achava que eu não tinha nem esse poder** de chegar assim e criar uma vaca, duas vacas, eu achava que eu não tinha esse poder, de criar. Mas tudo é ilusão da gente, a gente cria e, a gente trabalhando **com fé em Deus**, a gente ganha as coisas. Só que é sofrido, mas ganha. (Pelado, Seringal Porongaba, em 01/03/2010, grifo meu).

Se a posse do gado é um sinal de prosperidade do grupo doméstico, a partilha com os demais grupos domésticos pode também ser vista como sinal deste poder. Conforme indicaram Malinowski (1976) e Mauss (2003), a generosidade é um sinal de riqueza: o dar dádivas só é possível àquele que as possui.

Neste contexto, Pantoja e colaboradores (2009) ressaltam o valor estético atribuído por moradores de seringais do Alto Juruá aos campos abertos, em estreita ligação com a referência regional de sucesso econômico e político: as fazendas. Também percebi esta valoração estética do pasto pelos moradores do seringal Porongaba, que comentavam como era bonito um grande campo aberto. A esta preferência algumas mulheres também associavam a segurança do campo em oposição à floresta, pois, segundo elas, uma barraca próxima à mata deixaria esposa e crianças vulneráveis ao ataque de uma onça, por exemplo.

Há ainda outro aspecto estético relacionado ao criar gado. Durante minhas estadias no seringal, eu costumava fotografar os moradores. Dos jovens (tanto rapazes quanto moças) era recorrente o pedido para que eu tirasse suas fotografias montados em um animal. Alguns grupos domésticos do seringal Porongaba possuem animais de montaria (cavalos e burros), e a foto era tirada com um destes. Porém, se o grupo doméstico não possuía um animal de montaria, a foto era tirada em um boi de carga.

Não posso afirmar se essa apreciação de uma estética fotográfica relacionada à montaria insere-se num modelo estruturado a partir da figura do “cowboy”. Mas, ao menos quanto à música consumida pelos jovens do seringal, a “sertaneja” (com sua estética visual baseada no “cowboy”) é certamente uma das mais ouvidas no rádio e nas festas.

Pelo discurso dos adultos, fica claro que a importância do criar gado como sinal de status, ou mesmo a valoração estética associada a esta atividade, não significam necessariamente que o ideal de desenvolvimento dos grupos domésticos do seringal seja transformar-se em fazendeiro. Os moradores, mesmo aqueles com os maiores rebanhos, costumam diferenciar a pecuária desenvolvida por eles daquela dos fazendeiros.

Broca para ali um ano, já no outro ano não broca ali, já muda o roçado, muda pra acolá. Aí quando tira daqui, se acaba lá, a mata sobe de novo. Quando tira de lá já broca noutro canto, e é assim, não tem canto certo assim. Hoje a gente broca sempre um campozinho assim, um pedacinho, mas é pouco. **Nós aqui não destruímos a mata, quem destrói a mata são os fazendeiros.** [...] Agora, se fosse um cara que pudesse... Um fazendeiro, brocar cem alqueires num ano, agora aí acaba com a terra. Eu estou com vinte anos aqui, não matei nenhuma estrada [de seringa], eu broco só onde não tem castanheira, onde não tem madeira [castanheira ou seringueira]. **Por que eu não vou prejudicar as castanheiras, que é de que a gente vive. O meio de vida da gente.** (Pelado, Seringal Porongaba, 01/03/2010, grifo meu).

As áreas transformadas em campo pelos grupos domésticos do seringal, segundo Pelado, são suficientemente pequenas para que a mata não seja destruída. Neste ponto estaria a diferença fundamental em relação aos fazendeiros: enquanto a pecuária desenvolvida por estes últimos destrói a mata por desmatar grandes extensões de terra, a criação de bovinos pelos grupos domésticos do seringal não representaria uma ameaça à floresta. Outra distinção também é feita: como os grupos domésticos do seringal têm no quebrar castanha seu principal meio de vida (e não no criar gado) haveria a preocupação de não derrubar as castanheiras. Mesmo as seringueiras, que no presente não constituem um meio de vida como no passado, não são derrubadas por representarem um recurso em potencial, ou mesmo porque ainda são utilizadas por alguns grupos domésticos²⁰.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

É através do circuito de comercialização da castanha que grande parte dos recursos monetários entra no seringal Porongaba. Com estes recursos, os grupos domésticos podem adquirir os artigos de consumo cotidiano (mercadorias), assim como se capitalizar. O criar gado, como ficou evidente, é a principal forma de transformar este capital em patrimônio, que pode então ser convertido em investimentos na colocação. Este patrimônio tem boa liquidez e é passível de transmissão entre gerações.

Por sua boa liquidez, o gado é um bem utilizado também nas situações de precisão. Mas se o grupo doméstico não possui alguma cabeça de gado que possa ser vendida para custear os gastos de uma viagem de emergência, por exemplo, o vínculo de confiança estabelecido com o patrão (por meio da castanha) é mobilizado. O adiantamento

de dinheiro pelo comprador de castanha e a reciprocidade (assimétrica) estabelecida com o mesmo operam como um substituto da posse de gado.

Há então certa complementaridade entre o quebrar castanha e o criar gado nas economias domésticas. Entretanto, mais do que soluções econômicas, castanha e gado são bens sociais que funcionam como mediadores na (re)produção de vínculos sociais (Douglas & Isherwood 2009). Pelo quebrar castanha são estabelecidas relações de trabalho, recriam-se laços entre os grupos domésticos; a castanha como alimento atualiza laços com parentes e afins. O criar gado, por sua vez, (re)cria vínculos entre os grupos domésticos por meio de dádivas de carne bovina, especialmente nas festas, com banquetes oferecidos a todos os moradores do seringal.

A posse do gado funciona ainda como uma forma de sinalização de status no seringal. Tendo como referência as fazendas da região, a criação de gado estabelece uma forma de diferenciação entre os grupos domésticos. Porém, não se trata necessariamente de uma busca por transformar-se em fazendeiro. Para os moradores entrevistados há uma diferença central entre a sua forma de criar gado e a forma pela qual os fazendeiros o fazem. Os bens não encerram significados em si: seus significados existem a partir das interações com outros bens (Douglas & Isherwood 2009). Assim, para compreender os significados associados ao gado não podemos considerá-lo como um bem isolado. No contexto de uma fazenda, o gado está associado a diversos outros bens, que compõem uma matriz de significados própria deste ambiente social. No contexto da vida nas colocações, o gado insere-se em um conjunto particular de significados, onde a castanha é um dos bens que formam esta matriz. Por ser o extrativismo de castanha o principal meio de vida dos grupos domésticos, e a criação de gado uma atividade complementar, o quebrar castanha não deveria (ao menos discursivamente) ser colocado em risco.

É claro que entre dois conjuntos distintos de bens-significados existem empréstimos e sobreposições. Isto é evidente na transposição do referencial de sucesso a partir do qual o criar gado opera como um sinal de status. No entanto, não podemos simplesmente transpor o criar gado de um contexto (fazenda) a outro (seringal) sem considerar que estamos tratando de ambientes distintos. Por outro lado, a expansão no sudoeste amazônico do agronegócio centrado no gado a partir dos anos 1970 tem gerado um aumento da pecuária nos seringais da região, inclusive no interior de reservas extrativistas²¹.

É em função das preocupações com esta expansão dos rebanhos bovinos que um polêmico debate sobre a presença de pecuária nessas unidades de conservação envolvendo lideranças, moradores de reservas extrativistas, gestores públicos e “ambientalistas” vem sendo travado. As inquietações sobre o processo de “pecuarização” que estaria em curso em algumas reservas extrativistas alertam, a meu ver, para a necessidade de repensar todo um conjunto de ações empenhadas pelo poder público nessas áreas. E ainda: a presença do gado não representa necessariamente a desarticulação de um modo de vida (dinâmico!) no qual o criar gado é um elemento complementar a outras formas de uso dos recursos e espaços, mas sim o “conflito entre este modo de vida e os novos padrões de atividade e ocupação do território” (Pantoja *et al.* 2009: 118).

Não se trata de definir se a pecuária no seringal Porongaba é ou não “sustentável” ou de emitir qualquer outro julgamento “científico” deste tipo. Quis apontar, buscando aproximar-me do ponto de vista dos moradores do seringal, os motivos pelos quais esta atividade faz-se presente. Sob um ponto de vista, é o criar gado, ao menos em alguns seringais, que possibilita uma certa autonomia econômica e política para os grupos domésticos (Pantoja *et al.* 2009). E este parece ser o caso do seringal Porongaba. Se o criar gado continuará sendo uma forma de garantir autonomia, permitindo a continuidade (dinâmica) de um modo de vida no qual a pecuária faz parte de uma complexa matriz agroextrativista, ou se outro(s) elemento(s) substituirá o gado nesta matriz, só a história dirá.

NOTAS

- 1 Desenvolvida no âmbito do curso de mestrado do Programa de Pós-Graduação em Sociologia e Antropologia – PPGSA da Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ, sob orientação de Neide Esterci (UFRJ) e co-orientação de Mariana Pantoja (UFAC). Agradeço as contribuições dos professores Fernando Rabossi (UFRJ) e Eliane O´Dwyer (UFF). Todas as palavras, expressões e categorias utilizadas pelos meus interlocutores de pesquisa estão grafadas em itálico.
- 2 Em 2009 e 2010 o processo esteve parado, tendo sido realizada uma reunião pontual no seringal no início de 2011. Desde então não houve mais nenhum desdobramento.
- 3 Estes limites formais remetem aos limites do Porongaba enquanto uma propriedade privada.
- 4 Ver Narahara (2011) para uma caracterização da distinção/conexão centro-margem.
- 5 Conhecida como castanha-do-Pará, castanha-da-Amazônia ou castanha-do-Brasil é denominada pela taxonomia (hegemônica) *Bertholletia excelsa*.
- 6 Unidades básicas do seringal que se destinam à residência e também às atividades produtivas.
- 7 Caminhos em meio à floresta que conectam colocações de centro entre si e colocações à margem do seringal.
- 8 Área florestada sob o comando de um patrão destinada à extração de borracha para fins comerciais (Cf. Allegretti 2002 e Almeida 1993 para uma caracterização desses seringais empresa).
- 9 Casa de moradia, paiol (armazém), pastagens, piques de castanha e estradas de seringa limpas e abertas e roçados.
- 10 Ver Narahara (2011) para uma melhor compreensão da distinção seringal-rua, assim como dos diversos planos sociais que os conectam.
- 11 O trabalho de peão é um trabalho remunerado geralmente por meio de um salário, tendo uma maior continuidade do que o trabalho de diária, por mais que ambos sejam trabalhos do tipo braçal. O trabalho de empeleita também é um trabalho braçal realizado sempre por um grupo de pessoas, cujo valor da remuneração paga refere-se à execução total do serviço combinado, independente do tempo destinado a sua execução.
- 12 Liderança religiosa e política do estado do Acre que atua junto aos “povos da floresta” nos rios Iaco e Purus há mais de cinco décadas.
- 13 Este plano de manejo, protocolado por representante do suposto proprietário do seringal Porongaba junto ao IBAMA do Acre, não havia sido aprovado, negado ou arquivado até 2011.
- 14 Realizadas anualmente pelo padre ao longo do rio Iaco, envolvem batizados, casamentos, comunhões e crismas.
- 15 Cf. Allegretti (2002), Almeida *et al.* (2002), O´Dwyer (1998) e Pantoja (2008).
- 16 Como no passado, conforme indicaram Almeida (1993), O´Dwyer (1998) e Pantoja (2008).
- 17 Ver Narahara (2011) para uma discussão sobre a atuação dos patrões de antigamente.
- 18 O total de crias (bezerros e novilhas nascidos) é repartido ao meio entre o fazendeiro e o chefe do grupo doméstico.
- 19 Como a do marido que retornando para a barraca, vindo da medição de castanha, foi prontamente questionado pela sua esposa sobre o preço pago por lata.
- 20 De trinta e oito grupos domésticos do seringal Porongaba ao menos dezessete comercializaram borracha em 2008 (ICMBIO 2008).
- 21 Ver Gomes (2004) sobre o caso da Reserva Extrativista Chico Mendes e Pantoja *et al.* (2009) sobre a Reserva Extrativista do Alto Juruá.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, Mauro W. B. de. 1993. Rubber Tappers of the Upper Juruá River, Brazil: The Making of Forest Peasant Economy. Ph.D. Thesis. Cambridge, MA: Cambridge Univ.

_____; WOLFF, Cristina S.; COSTA, Eliza L. & FRANCO, Mariana C. 2002. "Habitantes: os seringueiros". In M. Carneiro da Cunha & Mauro W. B. Almeida (orgs.) *Enciclopédia da Floresta*. São Paulo: Cia. das Letras.

ALLEGRETTI, Mary. 2002. A construção social de políticas ambientais – Chico Mendes e o movimento dos seringueiros. Tese de Doutorado. Brasília: Centro de Desenvolvimento Sustentável, UNB.

DOUGLAS, Mary & ISHERWOOD, Baron. 2009. *O mundo dos bens: para uma antropologia do consumo*. Rio de Janeiro: UFRJ.

GOMES, Carlos Valério. 2004. *Cattle ranching expansion among rubber tapper communities in the Chico Mendes Extractive Reserve in the southwestern Brazilian Amazonia*. Rio Branco: WWF.

GEERTZ, Clifford. 1967. "Form and variation in Balinese Village structure". In J. Potter, M. Diaz & G. Foster (eds.) *Peasant Society, a Reader*. Boston: L. Brown.

ICMBIO. 2008. *Processo de criação da Reserva Extrativista do Médio Iaco: caracterização da população residente*. Rio Branco: IBAMA/ICMBIO.

MALINOWSKI, Bronislaw. 1976. *Argonautas do Pacífico Ocidental: um relato do empreendimento e da aventura dos nativos nos arquipélagos da Nova Guiné, Melanésia*. São Paulo: Abril.

MAUSS, Marcel 2003. "Ensaio sobre a dádiva: forma e razão da troca nas sociedades arcaicas". In *Sociologia e Antropologia*. São Paulo: Cosac & Naify.

NARAHARA, Karine. 2011. Entre a margem e o centro: agroextrativismo, troca e reciprocidade em um seringal acreano. Dissertação de Mestrado. Rio de Janeiro: Programa de Pós-Graduação em Sociologia e Sntropologia, UFRJ.

O´DWYER, Eliane. 1998. Seringueiros da Amazônia: dramas sociais e o olhar antropológico. Niterói: EdUFF.

PANTOJA, Mariana C. 2008. *Os Milton: 100 anos de história no seringal*. Rio Branco: EDUFAC.

_____; COSTA, Eliza L. & POSTIGO, Augusto. 2009. "A presença do gado em reservas extrativistas: algumas reflexões". *Revista Pós Ciências Sociais* 6: 115-130.

QUEIROZ, Maria Isaura. 1973. *Bairros Rurais Paulistas: dinâmicas das relações bairro rural – cidade*. São Paulo: Duas Cidades.

O quebrar castanha e o criar gado em um seringal acreano

RESUMO

No seringal Porongaba, no leste do Acre, os grupos domésticos têm como principal fonte monetária o quebrar castanha. O escoamento da castanha fica a cargo dos patrões que, ao contrário dos patrões de antigamente, não exercem monopólio sobre a compra de produtos extrativistas e venda de mercadorias. O criar gado, além de constituir uma importante forma de patrimônio transmitido entre gerações, possibilita aos grupos domésticos uma certa autonomia econômica e política, estabelecendo também diferenças de status. O presente artigo analisa o quebrar castanha e o criar gado enquanto atividades inseridas num ambiente social próprio da vida nas colocações, permitindo compreender porque se fazem presentes nesse seringal e como se complementam.

PALAVRAS-CHAVE: Amazônia, Acre, Reserva Extrativista, seringal, castanha, gado.

Breaking Brazilian nut and raising cattle in a seringal in Acre

ABSTRACT

In Porongaba seringal, eastern Acre, breaking Brazilian nut is the main income source to domestic groups. The patrons negotiate the nuts, although differently from the ancient patrons, they do not have the monopoly of buying extractive products and selling commodities. Besides being an important form of property that can be transferred to younger generations, raising cattle allows some political and economical autonomy for domestic groups, establishing some differences in social status. The present work analyze the activities of breaking Brazilian nut and raising cattle as belonging to the specific social environment that characterize life on rubber settlements, seeking to understand why these activities exist in seringal and how they complement each other.

KEY WORDS: Amazonia, Acre, Extractive Reserve, seringal, Brazilian nut, cattle.